

A força da intuição do povo

por Vera Saavedra Durão
do Rio

"A economia brasileira não passará por mudanças significativas nos próximos doze meses, enquanto não ocorrerem mudanças políticas profundas no País." O comentário é do economista e ex-ministro do Planejamento do governo João Goulart, Celso Furtado, para quem a prevalência atual do político, na sociedade brasileira, indica o caminho para as alterações na política econômica. "Estas grandes mobilizações populares pelas eleições diretas são uma intuição do povo, que quer uma mudança real do governo e compreende que só assim a economia será modificada", assinalou Furtado.

CONTINUIDADE

Na opinião do economista, a recessão continuará no País, pois o governo está amarrado aos compromissos firmados com o Fundo Monetário Internacional



Celso Furtado

(FMI), que impõem uma política monetária rígida que amordaça a economia. "O Brasil precisava, agora, retomar as atividades de pequeno impacto no seu balanço de pagamentos, como é o caso da construção civil, mas isto só ocorrerá se houver flexibilidade maior na política monetária." Para Furtado, en-

quanto não mudar a relação do País com o FMI, mesmo esta retomada modesta que se tem configurado nos dois últimos meses tenderá a frustrar-se. Também não acredita na queda da inflação, pois não há um aumento da oferta real, principalmente de alimentos.

MUDANÇAS

Dentro deste contexto, o ex-ministro defende a necessidade de mudanças políticas capazes de propiciarem um mínimo de autonomia ao País. "Enquanto permanecermos com um governo sem legitimidade para negociar sua dívida com os banqueiros internacionais e romper com o Fundo, continuaremos nesta situação de recessão. Os próprios dados do Banco Mundial para o Brasil informam que pouco mudará o perfil econômico em 1984 e 1985". Segundo ele, o BIRD prevê um PIB de 0,8% para o País, neste ano, e de 2% para 1985. "Estes crescimentos são

menores que o aumento da população, o que dá sintoma ainda de recessão", observou Celso Furtado.

TENDÊNCIA

O presidente do Instituto dos Economistas do Rio de Janeiro (IERJ), Antônio de Barros Castro, comunga do ponto de vista de Furtado, mas avalia que, se houvesse um afrouxamento da política monetária, "esta tendência de recuperação rastejante da economia", em função do aumento das exportações e da expansão das atividades agrícolas, poderia deslanchar em outros setores. "O governo, com o pé no freio da política monetária, pode abortar este movimento, pois não quer entrar em choque com o FMI", disse Castro. O presidente do IERJ considera que o Brasil está vivendo um momento único em sua história: uma convergência entre o potencial político e o econômico. "Se desamarramos um, desamarraremos o outro", concluiu.